

CUIDADOR DE CAMPO

(Osmar Proença/André Teixeira)

Quando o galo estende o laço
Do seu canto de alvorada
Faz tempo que estou mateando
E proseando com a madrugada
De tirador na cintura
A bombacha arremangada
As bota cano virado
E as espora bem atada

E quando o florão da aurora
Vem destapando o rincão
Já ando de pé no estribo
Cuidando da obrigação
Mirada de cuidar campo
As rédeas firmes na mão
Que esse é meu jeito campeiro
De agradar o patrão

Os cavalos que eu encilho
São bem manso e chegador
Do gateado ao doradilho
Cada qual tem seu valor
Que estampa faz o tordilho
Voluntário e tranqueador
Uma garça no lombilho
Sobre a várzea campo e flor

Minhas pilchas não tem luxo
Alguma tá remendada
No meu apero gaúcho
De enfeite só as ponteada
De que me vale a vaidade
Se o campo não cobra nada
Além de conhecimento
E corda forte bem sovada

Eu sou cuidador de campo
No posto do tarumã
Dezoito quadras e tanto
Na costa do Camaquã
Aqui onde o sol se cruza
Com a estrela de aldebarã
Pra morrer no fim do dia
E renascer pela manhã

CABORTEIRO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Caborteiro e cosquilhoso,
Sempre com cismas de potro,
Tem um penacho no toso,
Pra ser distinto dos outros.

Caborteiro, cuida a sombra,
Liviano mal pisa o chão,
Do próprio vulto se assombra.
E sona a venta, bufarrão.

O lombo deste ventena,
Não é pra qualquer encilha,
Pois por pouco se envenena,
E não respeita a forquilha.

Pressente a ânsia do apuro,
Tendo vaza se governa,
Se entona de lombo duro,
E o medo não alça a perna.

Quem sabe mais manso era,
Talvez se não fosse mouro,
Mas é do pelo da fera,
Que ao buçal faz desaforo.

“Dilon loco” que é domeiro,
Garante que este malino,
Vai sempre ser caborteiro,
Por procedência e destino.

Caborteiro, não tem nome,
Só atende o grito de forma,
De resto tenteia o homem,
Costeado das próprias normas.

Caborteiro, por capricho,
Estampa um certo fascínio,
Quando a razão de ser bicho,
Mostra quem tem mais domínio.

As cordas mais garantidas,
Maneadores e cabrestos,
Não são por gosto sentidas,
Quando ser maula é o pretexto.

A doma tem seus encantos,
E uma certeza comum,
Quem faz tropilha de tantos,
“As vez” mal costeia algum.

VENHO DE UM FUNDO DE CAMPO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Venho de um fundo de campo, trazendo o corpo judiado,
Meu tordilho embala o trote, enquanto o dia se atora,
Tenho ganas do um galpão, silenciar minhas esporas,
E de cruzada na sanga, deixar o barro do banhado...

De um tirão que eu não livreí, porque a volta era apertada,
Vi que um tento do meu laço, “remalhou” perto da ilhapa,
Menos mal que o João Canhoto, é índio de trança guapa,
E eu confio em seu capricho, em cada braça trançada.

Mas foi costeando a lagoa, que uma flor de água-pé,
Se embalando nos remansos, enquanto o vento soprava,
Me fez lembrar da morena, que a mais de légua enfeitava,
O meu ranchinho de leiva, quinchado de santa-fé,

Sou posteiro lá da estância, ando longe da minha bela,
Saltei cedo porque a lida, vem por cima e nunca espera,
Quando me “alejo” de ti, sinto que fico tapera,
E o grito que estendo solto, é pra que chegue até ela.

E quando o sol, no horizonte, queimar as ultimas brasas
Ficando um rastro cinzento, na imensidão do poente,
Espero chegar de volta, basteriado, mas contente,
De me encontrar em teus olhos, no aconchego das casas.

Venho de um fundo de campo, e ainda falta caminho,
Dou uma apertada nas garras, alço a perna e sigo a diante,
Depois do ultimo passo, já não será tão distante,
O que aparta este mensal, de sorver os teus carinhos,

Quem me dera um mate amargo, das tuas mãos alcançado,
Enquanto a tarde se amansa, e a noite “apotra” segredos,
Quem me dera, descuidado, tocar-lhe a ponta dos dedos,
E poder beber um trago, do teu riso encabulado.

GADO DE POBRE

(Leonardo Borges/Pedro Terra)

Deu cria no corredor
A vaquilhona bragada,
-filha da colorada
Da vacage do seu chico...
Por sorte o tempo vem firme
E o gado nem sentiu tanto
O inverno sobre os campos
Deste meu pago bonito!

O touro vem descarnado
Mas tá parêlho de dente,
Pensando logo na frente
Não devo apurá o rebanho;
Por isso um outro, zebu
Eu mesmo livre da faca
Pra dar aguente nas vacas...
São os costumes de antanho.

Eu canto um gado de pobre
De algum rincão de mi flor,
Que margeia um corredor
Com ventos de areia fina
Campo fraco e banhadal
Donde sempre foi assim
Com a fé no pouco capim
Vai se levando esta sina

Chegando a safra da lã
Dois dias, não mais que isso
Se estabelece o serviço
No galpaozinho da encilha
Consigno alguém que ajude
Eu mesmo toso e me agrada
As "corriedal" bem cruzada
Sempre deixam algum pila...

Num baio ovo de pato
Ou no gateado tronqueira,
Campereio a vida inteira
Até quando Deus decida;
Um gorro contra o solação
Preparo e loro de piola
Eu tenho tudo aqui fora
Pra não me queixar da vida

PITANDO

(Francisco Brasil/André Teixeira)

Que magia tem teu pito
que fechado despacito
te lembra tantas histórias?!
Nele paras teus rodeios
tapados de gado alheio
de estâncias da tua memória.

Na primeira baforada
rodou uma colorada
no Rincão da Caneleira.
Correndo uma gaviona,
douradilha temporona,
que refugou na porteira.

O olhar segue a fumaça,
que some, feito a comparsa
que tu puxas da lembrança...
de um tempo em que a lã valia
e o pago inteiro vivia
sempre cheio de esperança.

Quantos campeiros recorda!
- Indiada buena de corda
e ginetança que era!
Estâncias nome de Santa,
que dão um nó na garganta
porque viraram taperas.

Teu cigarro de campeiro
tem algo de parreheiro
a cancha diminuindo.
Cruzaste um lote de anos
contando causos e planos
e o teu pito esta se indo.

Co' esta brasita entre os dedos,
reculutas os recuerdos
do tempo das tuas andanças.
E entre ilusões e verdades,
ficam cinzas de saudade
do pito das tuas lembranças.

NO RANCHO DO TIO HOMERO

(Igor Silveira/André Teixeira)

Quebro o cacho a canta-galo
Como quem vai “pras carrera”
Lenço maragato, cataluña negra
E um entono mais gaúcho
Do que um quadro do Berega.

Pego o rumo do Vom Bok
E o rastro do bandoneon
No Rancho do tio Homero
A “bandona” não perde o tom
Lá tem carpeta e cachaça
Lá só se encontra o que é bom.

Dê-lhe fole na “bandona”
Que hoje eu “tô” pela anarquia
Quero me “tapá” de trago
No tranco “dessas guria”
E o que “sobrá do meus caco”
Vai “trabalhá” no outro dia!!!

É lá que eu “mêxo as cadera”
Num vanerão desbocado
E “as morena” sarandeiaram
Mostrando o corpo delgado
E toda a indiada se acoca
Num tranco “véio” botado.

Chego na estância ainda “chôco”
Junto co’as “barra” do dia
Com os “zóio” lá no fundo
Tapado de judiaria
Suando o “tronco da oreia”
Co’a cincha lá “nas viría”.

O LIVRO DA MINHA HISTÓRIA

(Sérgio Carvalho Pereira/André Teixeira)

O livro que conta minha história
não está num balcão de livraria,
não tem prefácio, nem dedicatória,
não é romance, nem biografia.
Do livro que conta minha história,
eu fui autor sem saber que eu escrevia.

Olha os caminhos no pasto,
abertos pela canhada,
escritos de chuva e casco
como frases desenhadas,
caligrafia de lida
na flor da terra gravada.

Vê a picumã que desenha
nanquim no junco e no vento,
seiva que ferve da lenha,
galpão de riso e lamento,
guarda em cada cavalete
a antiga história do tempo.

E mira a ponta de gado
que sobe para o rodeio,
pintando pastos pisados
igual caneta tinteiro,
cada borrão delicado
é um conto do pastoreio.

Há uma frase em cada tento
das cordas mais tironeadas,
em cada golpe um sustento,
torcida, chata, ou trançada
e um basto quatro cabeças,
memorial das campereadas.

O livro que conta a minha história
é escrito de rigores e de lida.
E, gravado pelo campo da memória,
vai se perdendo como a própria vida.

MEU PINGO CORAÇÃO

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

É um pingo muito engraçado
Meu coração aporreado!
Tem dez tropilhas de manha,
De baixo, maula e velhaco,
Mas na cancha é muito taco
E taura nenhum lhe ganha.

Fica as vezes aluado,
Cosquilhoso que é um danado!
Quando anda pela estrada
Vai ao tranco relinchando,
Vive sempre se “alebrando”
Do ranchinho da invernada.

Quando assim ele tropeia,
Faceiro e firme escarceia
Sacudindo a cabeçada.
Altaneiro se bombeando
Sempre pronto vem tranqueando
Na culatra da boiada.

Quando volta, é interessante,
Desce ao tranco no lançante,
Sobe ao passo na canhada.
Vem lerdo e todo estropiado
Como boi puxando arado
Sem o prego da guilhada.

E quando corre um ventinho
Lá das bandas do ranchinho,
Troca orelha com insistência.
É que topando a coxilha,
No capim verde-forquilha
Sente o faro da querência.

No freio firme se escora
Não precisando de esporas
Faceiro! Barbaridade!
Chega até dar manotaços,
Mas é que sente o puaço
Da roseta da saudade.

E num galope corrido
Vem desta cobra mordido
Deixando pó no caminho.
Dá um tirão na barbela
E esbarra bem na cancela
Do piquete do ranchinho.

E do oitão, no parapeito,
Fica batendo sem jeito
Vendo a chinoca tão bela.
Não é mandinga ou feitiço,
É que ele faz tudo isso
Na ânsia do beijo dela.

A FLOR VERMELHA DA TRANÇA

(Adriano Silva Alves/André Teixeira)

Talvez a dor do sereno
Antes da forma do chão;
Benzeu o encanto da flor
Que ainda dormia em botão.

Junto a intenção silenciosa
Da noite vestindo a aguada;
Pra lua “inteira” vaidosa,
Sonhar sua flor colorada.

Preza a inocência da trança
Que atou com fochos de estrelas;
Que lhe entregaram as cadentes,
Talvez saudosas em vê-la.

Sonhava ter lua inteira...
Vaidosa, enfeitando a aguada;
Na negra noite da trança
Sua linda flor colorada.

Que preza a um negro cabelo
Tantas vezes foi poesia;
Quando “outra lua” morena,
Enfeita a aguada do dia.

Com a intenção perfumada
De revelar-se por bela;
Ganha o segredo das mãos,
Pra amanhecer primavera.

Sem desprezar o sereno
Ainda na forma do chão;
Que se despede da flor,
Que despertou de um botão.

Sonho em pétalas vermelhas
Que sempre será poesia;
“Lua em flor”, trança da noite,
Morena, “trança” pra o dia.

O ORGULHO DO PEÃO CAMPEIRO

(Leonardo Borges/Paulo Ozório Lemes/André Teixeira)

Pra conservá o pêlo fino
Meu pingo posa encerrado
Num galpãozinho quinchado
Erguido com lasca e zinco
Deste jeito simplesito
Não necessita floreio:
-É levar de cocho cheio
E água fresca pra o bico!

Desde de sempre é meu orgulho
De andar bem a cavalo
N'algun pingaço amilhado
Floreando as rédeas na mão;
Acomodo com o patrão
Pra folgá o mês de Setembro
E até hoje não me lembro
De ele ter me dito não!

Pra quem faz por merecer
Honrando os seus compromissos
Caprichoso no serviço
E atracador no laburo,
Não hay patrão queixo duro
Que chore uma folga miúda:
Eu lhe ajudo e o senhor me ajuda
E assim 'ficamo' seguro!

Os xergão lavado em sanga
E o que é de couro, engraxado;
Trago um preparo trançado
Com doze tentos parelhos;
Um pelegão de carneiro
E um laço de doze braças
Pra me exhibir pelas praças
Quando saio bem campeiro

E o meu pingo, um gateadão
Desses de largar à penha,
Não precisa nem de senha
Pra entender o que penso...
A este mundo pertença
E ele entende as manias
Volta e meia encontra o dia
Só maneadito com um lenço!

Quando clareia algum vinte
O povo da minha campanha
Se acomoda e se assanha
Pelas ruas do povoeiro
Cada qual, seu entrevero
Enfileirando piquetes
Pra mostrar a toda gente
O orgulho do peão campeiro!

SILHUETAS CHAMAMECERAS

(Alex Silveira/André Teixeira)

Numa volteada em Corrientes
Trouxe comigo de “allá”
O sonho do rio Paraná
Navegando num chamamé
Pois minh'alma correntina
Bailou na noite argentina
Num rancho de santa fé.

Dom Ernesto Montiel,
Poncho pampa sobre os joelhos,
Busquei em ti bons conselhos
És musiquero imortal
A tua luz, uma estrada,
É voz de canto e pajada
Um rio de imenso caudal.

Ah, chamamé!! Tuas queixas
Curando algum desamor,
Regalos de campo e flor
Enfeitando o cabelo dela.
Gaita, violão, guitarróm
E o choro de um bandoneom
Vai moldando esta aquarela.

Parceiros de estampas floridas
Correntinos e mercedeños
Sopra um ventito sureño
Quando cruzo o rio Uruguai.
Pampeanos e chamameceros,
Todos nós somos luceros
Terra,Pátria e Sapucay.

SEREI EU

(Adriano Silva Alves/André Teixeira)

Serei eu... Cada manhã pintando a vida
Em tons de primavera, em cada flor;
Que o vento há de entregar-te por perfume
Que abriga em si, bem mais que um puro amor.

Serei eu... Num canto claro, em tua janela,
Pra vê-la aos poucos, plena em despertar;
Ouvindo a melodia que me empresta,
A alma pura em luz, de um sabiá.

E sempre serei eu por um poema...
Num verso sensitivo, na canção;
No idioma solitário dos amantes
Na voz, pulsando amor num coração...

Serei eu... Trazendo a noite dos teus olhos
Que empresto a “outra noite”, que ‘inda’ nua;
Debruça seus mistérios em silêncio,
Na “alva” palidez da luz da lua.

Serei eu... Saudade e “sal”, junto ao teu rosto,
No instante em que a razão mostre o motivo;
E um novo renascer entre teus lábios...
A cada dia, ao me entregar mais um sorriso.

CLAUDIOMIRO BALSEMÃO

(Evair Suarez Gomez/Juliano Gomes/André Teixeira)

Claudiomiro Balsemão
Crioulo lá do Mineiro
Nego guapo pra os arreios
Peão de Campo, domador
Compadre do Alaor
Outro nego debochado
Que anda de chapéu tapeado
E arremangado, sim senhor!

Arrocham a cincha no peito
Dão um tapa nos pelegos
Qual dois gato, de ligeiro
Se enforquilham num segundo
Se toca recorrer o mundo
Levam só o que é preciso
Poncho, faca, fumo, palha
E alguma prata pra o vinho.

Claudiomiro Balsemão
Por gosto arrasta chilenas
Não conhece o que são penas
Serviçal e bonachão
Claudiomiro Balsemão
Compadre do Alaor
Peão de campo, domador
E acordeonista na venda.

Espicha e encolhe a cordeona
Só pelo gosto da farra
E se encontra uma guitarra
Que lhe faça um costado
Abre um sorriso largo
Faz uma sanha pra o compadre
Que o repertório já sabe
Trás pra frente e ao contrário.

Atiram o poncho pra espalda
Fumaceiam um pito bueno
Num galopito sereno
Despacito, vão embora
E se somem campo a fora
Na boca da escuridão
Do Claudiomiro Balsemão
Se escuta o choro da espora!

O ESPINHO

(Otávio Severo/André Teixeira/Matheus Leal)

Espinhos são tantos, pra os olhos da alma...
Em todos sentidos por buenos ou não
São gestos que habitam o nosso inconsciente
E se manifestam pelo coração

Mal comparando é o malo na flor da tropilha
Não sabe formar e se faz de sinuelo,
É o espinho da farpa do arame e divisa
Guardando ressábios em forma de pêlo

Também é querência na lança em vigília
-É arma bendita debaixo da asa-
Escorando o campo em gritos de pampa
Revô e puaço em defesa “das casa”

São pontas que choram na voz de rosetas
-É o aço calado virando o carnal-
Será o pé da cruz encravado na terra
Mostrando onde a vida encontra o final

O tempo nos cobra e revela segredos
Nas marcas que ficam o motivo comum,
Se até lindas flores têm garras de espinhos
Quem disse que o homem não pode ter um?

PELEGUITO

(Rafael Ferreira/André Teixeira)

Veio do risco e do punho
Lambendo a flor do carnal,
Do bruto da hume e sal
Oreando pela mangueira,
Lãzinha curta, matreira,
Quase que vai com a buchada,
Mas sem furo na tirada
Pregou-se na estaqueadeira.

Herança de algum cordeiro
Que destacou-se no assado,
Teu jeito mal arrumado
Não renegou-lhe o serviço,
Pois de que importa o viço
Se o trabalho é bem correto,
Pode ser analfabeto
Mas honra teu compromisso.

Meu peleguito de baixo,
Que vai nas costa do basto,
Já carrega um lombo gasto
Com falhas lá pelo meio,
É um detalhe “dos arreio”
Esta estampa envergonhada,
Mas que a cada galopeada
Me ajuda parar rodeio.

Meu peleguito de baixo,
Com a lã tão amassada,
Talvez tua cara enfezada
Se difere do de cima,
Que é quase uma obra prima,
Lanudo e bem aparado
E ciumento enamorado
Junto a cincha que se arrima.

Mas sempre existe a verdade
No valor de cada um,
Este teu jeito comum
Até visto por capacho,
Franzino, mas sempre macho
Feito um peão trabalhador,
Que para algum ser doutor
Alguém sustenta por baixo.

PASTAGEM DE TROPA

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Longe em longe há uma pastagem
Pra dormir a tropa em marcha,
Quando vem estranzilhada
Não encordoa e se remacha.

Um vaqueano sai na frente
Fazer fogo e campear pouso
Porque vem a boca da noite
E o friozito está cargoso.

Nas voltas do corredor
Onde a noite agarra a tropa
Sempre tem potreiro e rancho,
Lenha seca e água de mota.

O tropeiro esfrega as mãos
No tição, enrodilhado,
Enquanto a lua ronda a tropa
Na pastagem, do outro lado.

Se alembrando do outro dia
Madrugada, três ontonte
Que o seu baio frouxa a cincha
Com os bois mansos no reponte.

Água escassa e pouco pasto
No potreiro da pastagem
Logo a tropa se adelgaça
Com três dias de viagem.

Couro seco na porteira
Prevenindo algum tropeço,
Tropa mansa deita logo
Já nem lembra o seu começo.

Já chegou o quarto-de-hora,
Vai cumprindo ordem de escala
Troca a ronda companheiro
Que está calmo e a noite é clara!

POR MÃOS DE GUITARREIRO

(Otávio Severo/Adriano Silva Alves/André Teixeira)

Espichou a sombra da copada alta de um jacarandá
Silenciando os galhos, antigos cenários pra ouvir um sabiá...
Tombou inocente, na voz do machado que o fio condenou...
Quem já foi semente, devolve pra terra o que o vento plantou...

Curada a madeira em sementes de rio, se faz falquejada...
Dormitando sonhos, se veste em formas de Deusa inspirada...
Se encontra no pinho, moldando a silhueta, no bojo se agarra...
Quem antes deu sombra, perdendo a imponência, renasce guitarra...

A alma é a mesma, trazendo na essência o aroma da terra...
Batismo de luas, clareiras de sóis, que seu corpo encerra...
Será testemunha das juras de amores de algum romancero
Quem foi condenado voltou imortal por mãos de guitarreiro

Mistério e magias, templadas nas cordas no toque dos dedos...
Por ter sido o palco pra bicos sonoros, carrega segredos...
Que embalava tardes ensaiando o timbre de um sabiá cantor
Agora silente, compõe cantilenas pra algum payador...

Vivendo em guitarra repousa seu sono no canto do oitão
Tem alma e madeira prendida nas cordas de um só coração
Que espera em anseios, qual mãe num afago o retorno em carinho...
Do mesmo sabiá que pousa em seu braço, antes galho pra um ninho...

E as mãos guitarreiras se unem num gesto em forma de prece
Pedindo por Deus, as bênçãos da vida pra quem as merece...
De onde germinam as luzes do canto que um dia nasceu
Florescendo sonhos em cada guitarra que a terra nos deu.